



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

LAURINDA CARLOTA BENGA

**MULHERES ZUNGUEIRAS: UM OLHAR SOBRE OS IMPACTOS DAS
VIOLÊNCIAS POLICIAIS NO MERCADO INFORMAL EM LUANDA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

LAURINDA CARLOTA BENGA

**MULHERES ZUNGUEIRAS: UM OLHAR SOBRE OS IMPACTOS DAS
VIOLÊNCIAS POLICIAIS NO MERCADO INFORMAL EM LUANDA**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, sediado no Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Dourado Bueno.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

LAURINDA CARLOTA BENGA

**MULHERES ZUNGUEIRAS: UM OLHAR SOBRE OS IMPACTOS DAS
VIOLÊNCIAS POLICIAIS NO MERCADO INFORMAL EM LUANDA**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, sediado no Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 26/04/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Juliana Dourado Bueno (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Jucélia Bispo dos Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Elizia Cristina Ferreira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMA DE PESQUISA	8
3	OBJETIVOS	8
3.1	GERAL	8
3.2	ESPECÍFICOS	8
4	JUSTIFICATIVA	9
5	REFERENCIAL TEÓRICO	11
6	METODOLOGIA	18
7	CRONOGRAMA	20
	REFERÊNCIAS	21
	APÊNDICE	23

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE), Angola localiza-se na África ocidental, ao sul da linha do Equador, tendo um total de 1.246.700 km² de superfície terrestre, tendo assim dezoito províncias. Com o censo realizado em 2014, apresentou-se dados de que o país tinha um total de 25.789.024 habitantes, a capital (Luanda) concentra um pouco mais de um quarto de toda a população do país, com 6.542.944 habitantes. 55,5% da população angolana está na faixa etária entre os 15 a 64 anos de idade. Sua língua oficial é o português, para além de diversas línguas nacionais. Sua moeda é o Kwanza e possui um clima tropical. Tem uma costa marítima de 1.650 km, sua fronteira terrestre ocupa uma área de 4.837 km de comprimento. No sentido Norte-Sul o território tem um comprimento máximo de 1.277 km e a largura máxima no sentido Oeste-Leste é de 1.236 km. Faz fronteira ao norte e nordeste com a República Democrática do Congo e a República do Congo, ao sul com a Namíbia, ao leste com a Zâmbia e ao oeste com o Oceano Atlântico.

A minha proposta de pesquisa, tem como objetivo compreender os impactos das violências policiais na vida das mulheres zungueiras em Luanda, considerando suas experiências, consequências psicossociais e estratégias de enfrentamento, tendo em vista as dificuldades de suas trajetórias diárias de trabalhos nos mercados informais em Luanda, especificamente no mercado dos Kwanzas.

A zungueira é apresentada por Santos (2011) como se tratando de um jargão utilizado pelos luandenses para designar os operadores dessa situação do comércio de rua (o/a vendedor/a ambulante). Pois o termo zungueira tem a sua origem etimológica na palavra zunga, expressão da língua nacional kimbundu que, literalmente traduzida para o português, significa andar à volta, girar ou rodear pelos mesmos ou diferentes locais. Portanto, a palavra zunga é usada para caracterizar aquelas vendedoras ambulantes que circulam pela cidade vendendo diversas mercadorias. Em Angola, as mulheres têm forte presença na zunga, tal como em outras formas de comércio de rua. (Costa, 2020). Em suma, podemos observar que zunga é o termo utilizado dado às mulheres que trabalham exercendo comércio ambulante nas periferias e não só, mas também em mercados informais.¹

¹ ASSEMBLEIA NACIONAL. Constituição da República de Angola. Pub. L. No. 111/2010 (2010).

É interessante apontar que o mercado dos Kwanzas- o nosso objeto de pesquisa- está localizado no Distrito Urbano do Hoji Ya Henda, no bairro que se denomina pelo mesmo nome que do distrito. Para além de ser um mercado de comércio, é palco de paragens (ponto) de táxis e ônibus com destino a muitos bairros (cidades próximas) como: Farol das Lagostas (Bairro Uíge), Malueca, Sonef, Ngola Kiluanje, Cuca, São Paulo, etc. ele abrange também paragens interprovinciais (destinos a viagens para diferentes pontos do país) dentre elas, temos: Uíge, Kwanza Norte, Bengo, Zaire e outras províncias.

Durante as nossas pesquisas sobre o mercado dos Kwanzas, os dados apresentaram números diversos em relação ao capital produzido, mas os mais citados por 94.2% de um total de 127 cidadãos, inclusive por funcionários do mercado, são 16.500.000,00 (dezesesseis milhões e quinhentos mil) Kwanzas; 17.800.000,00 (dezesete milhões e oitocentos mil) Kwanzas; 21.400.000,00 (vinte e um milhões e quatrocentos mil) Kwanzas e 23.600.000,00 (vinte e três milhões e seiscentos mil) Kwanzas (Dala, 2018).

Em vista disso, podemos constatar que os dados apresentados demonstram a importância deste mercado e o que tem feito para o contributo econômico do país. O mercado dos Kwanzas é um fórum que liga vários pontos do país e que serve de vendas de produtos que abastecem muitos bairros de Luanda, portanto, nele podemos encontrar diversos tipos de comércios produtos comestíveis e não comestíveis, perecíveis e não perecíveis, dentre os quais, alimentos (frutas e legumes), móveis, materiais escolares, roupas, acessórios, materiais de construção e de mecânica, animais, etc. assim como também, podemos encontrar centros administrativos e de formações pequenos, restaurante, panificadoras e depósitos, barraca de comidas, armazéns e lojas.

Há uma particularidade maior nos mercados informais no que cerne às classes dos vendedores, como por exemplo, a nomenclatura dos vendedores de acordo com o tipo de produto que este vende. Assim sendo, podem classificar-se em: saqueiras/os (aquelas/es que vendem sacos, embalagens); fubeiras/os (aquelas/es que vendem fubá- farinha de milho ou de mandioca); pambaleiras/os (as/os que vendem diversos acessórios de vestimenta como: calcinha, blusas, bolsas, calçados, relógios...); e peixeiras/os (como o nome indica, são as mulheres

ou homens que vendem peixe).

Esses nomes servem para identificar e facilitar o trabalho das vendedoras no mercado ao decorrer das vendas, como por exemplo, ao chamar alguém que vende peixe no mercado, nem sempre é necessário ir até a fileira das bancadas de peixe, para facilitar o processo simplesmente comprador pode gritar, por uma peixeira que ela vai ao seu encontro.

A pesquisa tem como objetivo analisar os impactos das violências policiais na vida das mulheres zungueiras em Luanda. Será realizado um estudo qualitativo no mercado dos Kwanzas, localizado no Distrito Urbano do Hoji Ya Henda. O estudo utilizará métodos como entrevistas semi estruturadas e observações no campo. A relevância social do estudo está em compreender os desafios enfrentados pelas zungueiras e a importância de seu trabalho no mercado informal. Serão abordadas as experiências das zungueiras, as consequências psicossociais que enfrentam e as estratégias de enfrentamento que adotam. O objetivo é fornecer reflexões sobre como a violência policial afeta a vida e o bem-estar das mesmas. Ao final, será produzida uma monografia que sintetizará os resultados e conclusões do estudo.

Busca-se contribuir para o entendimento das questões de gênero, violência policial e mercado informal em Luanda. Nos basearemos em uma abordagem qualitativa, permitindo uma compreensão mais aprofundada das experiências das mulheres zungueiras. Serão realizadas entrevistas com as participantes, buscando capturar suas perspectivas e vivências. Além das entrevistas, serão efetuadas observações no campo, permitindo uma análise mais contextualizada do ambiente em que as zungueiras trabalham e das interações com a polícia. A busca visa destacar a importância do trabalho das zungueiras no mercado informal, que desempenham um papel fundamental na economia local, fornecendo produtos e serviços essenciais para a comunidade. Ao analisar os impactos da violência policial, o estudo busca chamar a atenção para as violações de direitos humanos que as zungueiras enfrentam e promover a conscientização sobre a necessidade de políticas e ações para proteger e apoiar essas mulheres.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Conforme apontado acima, a pesquisa será realizada em Luanda, a capital de Angola, mais especificamente no mercado informal dos Kwanzas. Particularmente, o nosso conhecimento pessoal sobre este mercado influenciou na escolha desse espaço, praticamente desde a tenra idade que passei a frequentar, e com isso quero dizer que sei exatamente aonde adentrar para a realização desta pesquisa. Durante a minha trajetória, sempre fui rodeada de mulheres trabalhadoras da minha família e vizinhanças também. No entanto, observava os horários de suas jornadas de trabalho diárias, os dias que saíam para trabalhar na zungua, muitas delas, sem nenhum dia para descansar e no final do dia, regressando à casa com um semblante cansado e um olhar distante. Diante disso, apraz-nos questionar: quais os impactos das violências policiais na vida das mulheres zungueiras em Luanda, considerando suas experiências, consequências psicossociais e estratégias de enfrentamento?

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Compreender os impactos da violência policial nas mulheres zungueiras em Luanda, considerando suas experiências, consequências psicossociais e estratégias de enfrentamento.

3.2 ESPECÍFICOS

- Investigar os principais desafios enfrentados pelas mulheres zungueiras em Luanda, incluindo a violência policial, a discriminação e as restrições legais e sociais da política sobre a comercialização ambulante angolana;
- Analisar os diferentes tipos de violência policial vivenciados pelas mulheres zungueiras, como abuso físico, assédio, extorsão e detenções arbitrárias das suas mercadorias, causadas pela política sobre a comercialização ambulante angolana;

- Apontar a jornada de trabalho das zungueiras e os efeitos psicossociais causados pelos impactos da violência policial devido às restrições legais e sociais da política sobre a comercialização ambulante angolana.

4 JUSTIFICATIVA

Escolhi este tema porque me remete a pensar sobre muitos casos vivenciado ao decorrer da trajetória da vida de minha mãe que exerce a função de zunga desde que migrou da província oriunda (Uíge), com duas filhas (minha irmã e eu), para capital de Luanda a busca de melhores condições de vida assim como também de muitas mulheres angolanas. De mães solo que a cada dia saem pela manhã em busca do sustento de seus filhos.

Particularmente, de várias formas direta ou indireta, vivenciei muitos casos de violência policial nos mercados (informais) de Luanda, muitas vezes que fui às compras. Em um certo dia no mercado de São Paulo de Luanda, em uma tarde ensolarada, vivenciei um caso de violência policial que até hoje não consigo esquecer: Uma senhora sentada com seus variados produtos de venda, em primeira instância pareceu que nada, o policial chutou a sua bancada de venda, pois a mesma alegava por alto não ter vendido nada desde a sua chegada no mercado até aquele momento, que na maioria das vezes as vendas têm sido mais pela noite. Desta feita, a senhora derramava lágrimas por conta do ocorrido, a multidão tentando entender o que estava se passar aí, mas sem respostas. Eu instantaneamente, ao presenciar o caso, derramei lágrimas junto a zungueira e tentei ajudá-la recolhendo os produtos derrubados, e o policial saindo daquele ambiente normalmente como se nada tivesse acontecido ou feito. Mas o seu semblante se mostrava envergonhado porque tinha uma multidão repreendendo ele, quando ele saía de lá. Era notável que o policial não parecia arrependido em nenhum momento.

Diante daquela situação, inúmeras questões surgiam na mente sobre o violentador, tais como: será que esse senhor tem filhos? Como sua esposa trabalha? De que maneira lhe são passadas as instruções sobre as políticas de fiscalização para a comercialização dos mercados angolanos? Várias questões apareciam e eu estava ali, sem respostas. E ainda assim, presenciamos vários

casos iguais a esses ou ainda piores como o caso apresentado da senhora Juliana Kafrique² que em um dia de sua rotina matinal de trabalho em busca de seus meios de sustento familiar, inesperadamente ela foi assassinada por um policial a tiro.

[...] Em todas as operações que visam a organização da estrutura de comercialização da mulher zungueira angolana, ou seja, a venda ambulante, tem havido excessos de autoridade por parte dos policiais que em grande parte terminam em cenas de violências. Por isso é que há mortes e cada vez mais vendedoras com ferimentos. Só para apontar o apogeu destas situações constrangedoras, há vendedoras que têm sido empurradas de pontes aéreas para peões e acabam com deficiências físicas. (Luamba, 2019)

Muitas das vezes acidentes trágicos têm acontecido no decorrer dessas operações em mercados informais e famílias cada vez mais saem prejudicadas e separadas por conta de atos inconsequentes de fiscais que alegam trabalhar pelo estado.

A escolha da pesquisa desse tema levou-me a ter uma visão diferente sobre as zungueiras, que para mim, eram só mulheres que acordam cedo para ir atrás do sustento de os seus familiares, muito mais do que isso, se olharmos com bastante atenção, elas chegam a ser sujeitos fundamentais para contribuição da economia interna assim como também da circulação do capital social angolano, através do mercado informal. Pois no entanto, em suas trajetórias de venda diárias, são notificadas com taxas fiscais dependendo da estrutura do mercado em que elas se encontram, e de forma direta essas verbas cobradas vão parar diretamente nos cofres do Estado angolano.

Queremos com essa proposta de pesquisa mostrar até que ponto a violência policial impacta a vida das mulheres zungueiras, tendo em base as experiências, consequências psicossociais e suas estratégias de enfrentamento, e também a importância do papel dessas mulheres no mercado informal, mostrar de que forma os seus feitos no mercado alavancam de certo modo a economia no país através de suas dinâmicas de vendas no mercado informal, visto que “em Angola, principalmente em Luanda, a economia informal constitui fator principal de sustentabilidade da vida social e econômica da sociedade angolana” (Cristóvão,

² Juliana Kafrique foi morta por um agente da polícia angolana a 12 de março de 2019, numa intervenção da chamada "Operação Resgate". A zungueira tinha 28 anos, estava casada e tinha três filhos, incluindo um bebê de seis meses. [...] esta situação está longe de ser o primeiro caso de violência policial contra zungueiras.

2019, p. 6). Segundo Cristóvão (2019) no comércio informal, a mulher tem contribuído ajudando com a circulação de mercadorias, tendo o comércio informal a principal fonte de rendimento e de diminuição das altas taxas de desemprego do país.

Desta forma a zunga deve ser vista de forma ampla, como impulsionadora da criação de novos espaços sociais, “redefinindo a paisagem social, econômica, cultural e política do país, fugindo-se da percepção dela como um problema, evitando que tal visão se torne num impasse para qualquer estratégia de governo que deseje abordar esta questão objetivamente” (Costa, 2020, p. 18).

Portanto a proposta de pesquisa tem como relevância social apresentar as atividades realizadas por estas mulheres que por si só são bastante simbólicas e fundamentais para que o mercado se mantenha e continua a contribuir direta ou indiretamente para economia angolana, visto que, a maior parte das vendas realizadas nos grandes armazéns de produtos no país, são feitas pelas zungueiras que, por sua vez, fazem as revendas no mercado informal das diversas avenidas e ruas das cidades do país de modo a retalho (varejo).³

Apesar da pressão e toda violência policial, elas são notadas com maiores números nas ruas e mercados de Luanda vendendo diversos produtos, quer seja alimentício, quer seja eletrodoméstico. Porém é importante que se leve em consideração estas senhoras ou que haja um estudo, como proposto aqui, mais aprofundado no que concerne às suas atividades e participação no capital do mercado angolano.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

A história da zunga e dos mercados informais não começou por aqui, como afirma Lopes (2007) e Santos (2011), desde a era colonial já existia na necessidade das mulheres e homens e crianças- mas maioritariamente mulheres- de irem atrás daquilo que satisfizesse as suas necessidades básicas, por falta de oportunidades e baixo nível de escolaridade. Anteriormente, as mulheres que exerciam esse trabalho

³ Varejo ou retalho é a venda de produtos ou a comercialização de serviços em pequenas quantidades, ao contrário do que acontece na venda por atacado, o varejo é a venda direta ao comprador final, consumidor do produto ou serviço, sem intermediários.

eram chamadas de quitandeiras. “Deste modo, elas revivem o mesmo martírio sofrido por suas ancestrais, obrigadas a trabalharem forçadamente às margens da lei, vítimas de um projeto higienista de elites africanas ocidentalizadas” (Santos, 2011, p. 8).

A entrada em cena das zungueiras faz parte de um panorama que tende a aproximar a figura da zungueira à da quitandeira, que já era presente na época colonial. De acordo com Santos (2011, p. 58), “a presença de ‘mamães quitandeiras’, zungueiras, peixeiras e kinguilas nas ruas de Luanda, evidencia uma tradição que confere um lugar de destaque às mulheres de rua no imaginário social luandense”. Elas tratam de reinventar uma forma de trabalho informal antiga, da qual as quitandeiras são as precursoras, como refere Lopes (2007, p. 29). E “tal como sucede em relação aos mercados, a presença das quitandeiras a percorrer as ruas da cidade é uma imagem que se confunde com a própria história de Luanda” (Costa, 2020, p. 7).

É importante problematizar que, o percurso traçado por essas mulheres, apresenta dificuldades e desafios desde o legado das quitandas, pois conforme o supracitado era uma forma de reinventar novo trabalho informal. Angola é um país em que a desigualdade social e principalmente de gênero predomina e é sem dúvida nenhuma, um problema grave no qual as mulheres saem prejudicadas devido às oportunidades que lhes são conferidas, a sobrecarga dentro do lar e outros fatores como o baixo nível de escolaridade, renda, estado civil, desemprego, saúde física e idade. Segundo Nangacovie e Stromen (2019), a divisão sexual do trabalho domésticos e produtivos entre homens e mulheres estão obviamente claras, no qual as mulheres têm seus corpos fixados nos trabalhos domésticos, alegando ser bastante desrespeitoso para os homens, ou o mesmo também não acharem este tipo de trabalho adequados para eles.

As mulheres, em geral, têm a pobreza acentuada pela sua condição *feminina*. Existem estudos que referem que a pobreza das mulheres, decorrem também da construção desigual das relações entre homem e mulher (a chamada feminização da pobreza), e que por essa razão o seu enfrentamento não pode ser feito sem que sejam encarados os fatores de gênero que promovem a sua persistência, como seja, a sobrecarga das mulheres com o trabalho doméstico e as responsabilidades do lar, mais concretamente, o cuidado dos filhos e do marido. (Nangacovie; Stronen, 2019, p. 24)

Percebe-se aqui, que a maior parte das mulheres angolanas ainda são vítimas do sistema patriarcal e que a desigualdade de gênero as afeta de forma direta, o olhar de que homem é a autoridade dentro de um lar, aquele que estabelece as regras e ordens no seio familiar é predominante. É bom reiterar que a desconstrução desse sistema está muito longe de se aprimorar, pois as mulheres ainda são vistas como aquelas que cuidam do lar, filhos e marido. A falta de oportunidades e o posicionamento da sociedade (machista), colocando a mulher no baixo nível dos escalões, faz com que a maior parte das mulheres angolanas trabalhem por conta própria e a maior parte delas encontram-se nos mercados informais como vendedoras fixas e como zungueiras. A luta pela sobrevivência muitas das vezes fala mais alto, e o mercado informal acaba sendo um refúgio para as senhoras da zunga, apesar da precariedade que os espaços de trabalho oferecem.

Macedo (2008), aborda a relação entre famílias, desigualdades sociais e análises de gênero a partir dos anos 1980, destacando a identificação de um grande número de mulheres entre a população mais empobrecida nos países em desenvolvimento, evidenciado por estudos que analisam indicadores estatísticos sobre o crescimento da pobreza global. O trabalho "Women and Poverty in the Third World" se tornou uma referência importante, abordando a situação das mulheres e sua dificuldade de acesso aos recursos nos países do Terceiro Mundo. Além disso, o autor menciona a feminização da pobreza nos países desenvolvidos, onde a eleição das mulheres chefes de família como alvo de políticas sociais pode gerar discriminação e ataques, especialmente no contexto do Welfare State. A relação entre feminização da pobreza e chefia feminina de domicílios é destacada, sendo chamada de "culture of single motherhood" e "Novo Paradigma da Pobreza". É ressaltada a importância de uma abordagem cuidadosa e equilibrada ao problematizar a feminização da pobreza, considerando as desvantagens enfrentadas pelas mulheres em relação aos homens, como a falta de acesso a direitos, carga de trabalho, remuneração e mobilidade socioeconômica, devido a barreiras culturais, legais e obstáculos no mercado de trabalho.

A atividade de zunga ou de venda ambulante e venda com posto fixo são práticas antigas e comuns em Luanda. Há entre os vendedores um segmento específico que prefere vender os seus bens circulando a pé, em uma zona

determinada do mercado informal ou da cidade, no caso de serem mulheres – são chamadas de zungueiras. É mais comum encontrar mulheres na zunga em detrimento dos homens, talvez pelo fato de que “a falta de oportunidades no acesso à educação e a formação profissional, aliada a feminização da pobreza” crie maiores possibilidades para as mulheres optarem pela economia informal (OIT, 2018). A prática da venda informal em posto fixo ou na zunga remonta o período colonial e tem sido justificada tanto para a busca de clientes quanto pela falta de espaço suficiente nos mercados informais tradicionais (Nangacovie; Stronen, 2019, p. 65).

Consequentemente, na prática de venda da zungueira deslocar-se de um lado para outro com o produto comercial é uma forma de estratégia para atrair um público alvo a fim de alcançar seus objetivos de despachos das mercadorias no dia a dia de trabalho. Estas estratégias de despachos, muitas das vezes, levam como consequências drásticas as corridas nas estradas, apreensão das mercadorias, multas e agressão por parte dos agentes policiais. Segundo Virgílio (2010, p. 20), a etimologia do conceito de polícia deriva “de um conjunto de instituições necessárias ao funcionamento e à conservação da cidade estado, ou seja, do grego clássico “Politeia”, que na Idade Média compreendia a boa ordem da sociedade civil”, e que vem sofrendo bastantes alterações até aqui, para enquadrá-lo no sentido de segurança, defesa da comunidade e perigos internos.

É de recordar também que a Polícia, propriamente dita no exercício das suas funções e missão, tem a colaboração direta de outros órgãos da Administração Pública, que têm natureza tanto ou quanto distintas da policial, como é o caso do órgão do Ministério do Interior, da Fiscalização, das Administrações Municipais, das Forças Armadas em caso especiais e muitos outros órgãos, sem esquecer da Assembleia Nacional e do Governo, no caso de Angola. A polícia de proximidade deve ser definida a partir de uma nova forma de gestão da segurança pública, implementada próxima do cidadão, de forma a responder cuidadosamente as necessidades da população por via de uma ação policial preventiva. A ação e a implementação do policiamento de proximidade assenta-se na finalidade última da polícia que é garantir o respeito e cumprimento das leis em geral (Artigo 2.º do Decreto Presidencial nº 152/19, de 15 Maio), naquilo que concerne à vida da coletividade, sempre de acordo e baseadas na lei ou pelo menos por ela autorizada (Valente, 2005), no princípio da responsabilidade e no princípio da cooperação

(Virgílio, 2010, p. 35).

Os conceitos apresentados demonstram as verdadeiras funções da polícia, que é garantir a segurança pública dos cidadãos e de atender as necessidades da população de acordo com a lei (Artigo 2.º do Decreto Presidencial nº 152/19, de 15 Maio). Mas de uma forma, parece contraditório e os mesmos não têm cumprido com as suas verdadeiras funções. De acordo as entrevistas dadas por algumas zungueiras, no canal Tvlivre Angola no *youtube* em 2019, no mercado de São Paulo de Luanda em uma manifestação contra a polícia em Luanda, apontam:

Pessoa 5: Nós só queremos sabé, onde que a democracia tá? Porque não é fácil, uma mãe que acorda 5h da manhã, pai atrás do ganha pão, e depois ser espancado pelos fiscais e a polícia.

Entrevistadora: Quem é que está fazer isso?

Coletivo de mulheres: Os fiscais e a polícia. Chamam os *canheches* para nos bater. Bateram uma colega grávida, desmaiou.

Pessoa 5: Contrataram segurança no kikolo, mas até aonde nós soubemos, nós não somos gatunas. Nós somos mãe de família, que abandonamos nossas casas, Para ir atrás do sacrifício. Nós entendemos que tem polícia e tem fiscal, devemos respeitar, porque é a lei. Mas quando polícia agredi as senhoras, é desumano⁴. Então, se nesse país existe democracia, nós queremos que a democracia tem que se fazer sentir.

Pessoa 6: Os policiais estão a dizer, podem ir na TPA (Televisão Pública de Angola), podem ir não sei se aonde, ninguém vai vos ouvir.⁵

O grupo afirma que reclamar não adianta, porque os fiscais e a polícia trabalham juntos. Uma das mulheres conta que, certo dia foi reclamar junto do superior dos fiscais e este recusou-se a entregar a sua mercadoria, disse-lhe que era criminosa e que era melhor ela ir embora ao invés de ir ao Tribunal, pois este, poderia lhe passar uma multa, muito elevada (Nangacovie; Stronen, 2019, p. 66).

Consegue-se notar a aflição dessas mulheres e os descontentamentos delas diante as dificuldades que têm enfrentado nos seus dia a dia de trabalho, e como a polícia se posiciona perante as ações de fiscalização, elas muitas das vezes apanham dos mesmo quando não podem refugiar dos fiscais.

Dificuldade nas vendas é o pior problema para os vendedores ambulantes, eles trabalham na incerteza quanto ao faturamento, como todo comércio tem épocas boas, outras nem tanto e existem os períodos de crise. Todo ambulante, em alguma medida, precisa enfrentar o “rapa” como eles se referem aos agentes de fiscalização. Quando a licença está em dia, tudo se resolve tranquilamente, mas se há a proibição do comércio em determinada

⁴ MENEZES, Nick. Zungueiras saem à rua contra a polícia em Luanda. In: **Tv livre Angola**. Luanda, 2019. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BcvA7VvkXNo>

⁵ Canheces: homem malhado definido.

área e o descumprimento da norma, os fiscais podem apreender a mercadoria, que para os ambulantes é um prejuízo que pode desestruturar suas existências. Trabalhar fora das áreas autorizadas é uma tensão constante, esses podem ser até agredidos pelos agentes municipais, sem falar no prejuízo que significa ter as mercadorias apreendidas, pois as multas são exorbitantes (Queiroz, 2017, p. 219)

Apesar dos contextos serem diferentes (Brasil, Angola), os vendedores ambulantes carecem dos mesmos problemas em todo lado e são vulneráveis a qualquer ação fiscal e policial, são oprimidos, sofrem violências e ainda estão sujeitos a pagar por uma mercadoria apreendida, e não se importando com a precariedade das vendas diárias.

Segundo Nangacovie e Stronen (2019), além da violência há ainda a corrupção. As mulheres denunciaram que muitas vezes para reaverem as suas mercadorias têm de pagar os fiscais. Dependendo da qualidade do negócio varia entre 2 – 8 mil Kwanzas (ou mais, a julgar pela natureza do negócio das que ali se encontravam).

Segundo contam, os agentes da fiscalização operam à paisana e têm por prática ficar com os produtos das vendedoras que recolhem na rua. As mulheres dizem que a prática parece ter se transformado em negócio, e uma forma de alimentar a vida dos fiscais, que escolhem que tipo de mercadoria levar, preferindo artigos valiosos e de grande utilidade (como perfumes, relógios, calçados, roupa etc.). Além desta prática, mulheres vendedoras contam, que também já foram vítimas de agressões físicas. Uma das mulheres revelou que perdeu o bebê, por causa da “surra”, e que um dos seus filhos fica assustado quando vê homens desconhecidos virem na sua direção. Outra levou com porrete nas pernas e tinha, na altura da pesquisa, a perna inflamada e com muitas dores. Uma terceira a testemunhou que além de bater nas vendedoras, as crianças também tem sido vítimas dessa violência. Certa vez, a sua filha menor (ao colo) caiu enquanto corria, fugindo os fiscais. (Nangacovie; Stronen, 2019, pp. 65-66).

De acordo com Signori e Madureira (2007 p.16), existem vários aspectos de concepção de violência, estes abrangem fatores psicológicos, físicos e morais, econômicos, sociais e culturais. Como é notório, a violência física é uma das que pode ser identificada facilmente, porque ela deixa lesões evidentes, porém, a psicológica, operada através de opressão, humilhação, e dominação, causa sequelas e traumas que dificultam e afetam a vida social das mulheres no seu dia a dia. Ainda de acordo com a entrevista no canal Tvlivre Angola no youtube em 2019, no mercado de São Paulo de Luanda em uma manifestação contra à polícia em Luanda:

Pessoa 2: Mamã, o que se passa aqui, as outras que tão aqui, nós vendemos aqui na gajadeira, as outras que vendem aqui no São Paulo, estão a vender à vontade, nós, estávamos quando nós estivemos a vender, devemos dar cem kwanzas, cem kwanzas de cada zungueira. Quando vão juntar aquele cem kwanza, chega na mão do comandante, agora, não estamos a dar mais o cem, disseram que temos que dá quinhentos de cada zungueira. Nós não concordamos. Estão a dar corrida uma parte, porque outra parte não estão a dar corrida, porque colaboraram com o preço do dinheiro que a polícia mandou.

Coletivo de mulheres: Zungueira desmaio, a nossa colega. Li bateram até inflamar. Desmaio a zungueira grávida.

Estas questões enfrentadas por essas mulheres, muitas das vezes resultam no esgotamento físico e emocional, acabando por afetar diretamente as suas vivências no seio familiar, comunitário.⁶

No estudo de Díaz et al. (2008), foi observado que os ambulantes ficaram doentes em média por 5,64 dias e, por alguma enfermidade mental, 2,71 dias e que as condições de trabalho adversas contribuíram para tal. Já Oliveira, Carreiro, Ferreira Filha, Lazarte e Vianna (2010) conduziram uma pesquisa com 86 camelôs e identificaram que 31,4% da amostra apresentou risco para depressão, 31,4% para ansiedade, 24,4% para alcoolismo e que 49% apresentaram risco para pelo menos um desses transtornos mentais, níveis um pouco acima do esperado para população geral. Sentimento de abandono, sobrecarga de trabalho, insatisfação com o salário, competitividade no trabalho e tempo insuficiente para lazer, apresentaram associação estatisticamente significativa com risco para depressão e ansiedade segundo os autores (Santos; Mesquita, 2016, p. 33).

Os estudos acima mostram que os trabalhadores ambulantes enfrentam desafios significativos em relação à sua saúde mental e física. Condições de trabalho adversas, como sobrecarga, insatisfação salarial e falta de tempo para lazer, foram associadas a um maior risco de depressão e ansiedade. É preocupante ver que esses trabalhadores enfrentam tantos desafios em relação à sua saúde mental e física. Será que existem medidas sendo tomadas para melhorar as condições de trabalho e oferecer suporte a esses profissionais? É impressionante como são altos os índices de risco para depressão, ansiedade e alcoolismo entre os vendedores ambulantes. Será que esses resultados são semelhantes em outras áreas de trabalho informal? É importante trazer essas questões para que possamos saber mais sobre as possíveis soluções para ajudar esses trabalhadores, mas para isso é

⁶ MENEZES, Nick. Zungueiras saem à rua contra a polícia em Luanda. *In: Tv livre Angola*. Luanda, 2019. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BcvA7VvkXNo>

interessante que primeiramente compreendemos os impactos da violência policial nas mulheres zungueiras em Luanda, considerando suas experiências, consequências psicossociais e estratégias de enfrentamento.

As mulheres em Angola enfrentam obstáculos, resistência social e estereótipos, mas continuam a lutar com coragem. Cada passo dado pelas mulheres angolanas representa um avanço em direção a um país mais seguro e é um testemunho da força feminina. Essas narrativas refletem a força, coragem e resiliência das mulheres angolanas em desafiar normas, superar obstáculos e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Os desafios enfrentados por estas mulheres não têm sido em vão, de acordo com Gouveia (2023), é inspirador ver a resiliência e determinação das mulheres angolanas na luta pelo empoderamento e reconhecimento, apesar das profundas desigualdades de gênero no país. Mesmo ocupando uma posição desanimadora no Índice de Desigualdade de Gênero, as mulheres angolanas estão gradualmente mudando a narrativa com sua força e determinação. O movimento das "sapadoras", liderado por mulheres corajosas como Helena Kasongo, desafia normas de gênero e enfrenta os perigos das minas terrestres remanescentes da guerra. Essas mulheres não apenas lidam com os perigos físicos, mas também enfrentam estereótipos, resistência social e o medo constante. Sua luta é multifacetada e simboliza a determinação em criar uma Angola mais segura para as futuras gerações. A eleição de Filomena Tete Estêvão como a primeira bispa da Igreja Anglicana não é apenas um marco eclesiástico, mas também um símbolo poderoso do potencial das mulheres angolanas quando são oferecidas oportunidades. Em uma sociedade tradicional, essa conquista destaca o progresso e a capacidade das mulheres de alcançar altos cargos e influenciar positivamente a comunidade.⁷

6 METODOLOGIA

O mercado dos Kwanzas, é um fórum que ocupa uma parte bem abrangente

⁷ GOUVEIA, Margarida. Mulheres em Angola: desafiando obstáculos e moldando o futuro. *In: Gazeta do Povo*, Luanda, 2023. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/mulheres-angola-desafiando-obstaculos-moldando-futuro/?need_sec_link=1&sec_link_scene=im

do bairro Hoji Ya Henda, é exatamente um ponto estratégico para que se realize esta pesquisa, porém, dentro dela, encontramos várias mulheres, especificamente zungueiras, que são os nossos sujeitos de pesquisa, interlocutores e também as fontes de pesquisa. No decorrer da pesquisa, nós pretendemos analisar as narrativas das mulheres através de um questionário aberto, além de explorar também outras questões como os impactos psicossociais e faixa etária, que são aspectos muito importantes da nossa busca, considerando o tempo e experiência das mesmas exercendo esse trabalho.

Quanto ao método de pesquisa para o nosso levantamento de dados e construção da pesquisa, em primeiro momento será de cunho bibliográfico “como qualquer outra, desenvolve-se ao longo de uma série de etapas. Seu número, assim como seu encadeamento, depende de muitos fatores, tais como a natureza do problema, o nível de conhecimentos que o pesquisador dispõe sobre o assunto, o grau de precisão que se pretende conferir à pesquisa”, onde faremos uso da pesquisa qualitativa “ de coleta de dados e também uma atitude positiva de escuta e de empatia. Isso pode implicar conviver com a comunidade, partilhar seu cotidiano (Gil, 2017, p. 109), em incremento à pesquisa etnográfica, pois há uma necessidade de contato e troca com essas mulheres em seu local de trabalho, no caso, no mercado dos Kwanzas, que possibilitará uma lente melhor para alcançarmos os nossos objetivos, pois acredito que “o que o pesquisador de campo observa não são variáveis ou fator que precisam ser relacionados, mas sim pessoas fazendo coisas juntas de maneira manifestamente conexa” (Becker, 2014, p. 194). À vista disso, o pesquisador estando no campo, como fazedor de ciência, ele deverá privilegiar o ponto de vista do sujeito de pesquisa, para fazer uma correlação com os dados observados por ele mesmo no decorrer da pesquisa, pois esses dados poderão guiá-lo até resultado coeso da pesquisa.

Para a coleta de dados e como segmento do método qualitativo, usaremos a entrevista semiestruturada que “está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas” (Manzini, 1990/1991, p. 154), para complementar esse nosso leque metodológico. Portanto, elaboramos

um roteiro de entrevistas com questões abertas no cerne da conversa, de modo a deixar as entrevistadas à vontade e com segurança. Utilizarei um celular (gravador, câmara), como um dos elementos fundamentais para que a pesquisa seja realizada com eficiência.

E com base nos dados que arrecadarmos de todo o teor bibliográfico assim como as revisões e observações dos conteúdos materiais acessados por nós, o projeto de pesquisa resultará em uma monografia para apresentação como produto final de conclusão de curso da graduação.

7 CRONOGRAMA

ETAPAS	TCC I	TCC II	TCC III
Escolha do tema			
Levantamento bibliográfico			
Pesquisa do campo			
Realização das entrevistas			
Coletas de dados			
Análise dos dados			
Organização do roteiro/partes			
Redação do trabalho			
Revisão e redação final			
Entrega da monografia			
Defesa da monografia			

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA NACIONAL. **Constituição da República de Angola**. Pub. L. No. 111/2010 (2010). Luanda, 2018.

BECKER, Howard S. **A epistemologia da pesquisa qualitativa**. Brasil: Brazilian Journal of Empirical Legal Studies, 2014.

CRISTOVÃO, Edna Diogo; **O Papel da Mulher no Desenvolvimento Econômico em Angola: Análise da Contribuição Feminina**. São Francisco do Conde: UNILAB, 2019.

COSTA, Felizardo T. Bartolomeu. **Dinâmicas psicossociais do trabalho das zungueiras em Angola**. 2020.

DALA, Nuno Álvaro. Os mercados do município -6º Secção, *In: Os negócios ilegais de Tany Narciso*. Luanda, 2018.

FONSECA, Carlos. **Polícia Dispersa 'zungueiras' que Protestavam em Luanda Contra Proibição de Venda**. Luanda, 2023.

GOUVEIA, Margarida. **Mulheres em Angola: desafiando obstáculos e moldando ofuturo**. In: Gazeta do Povo, Luanda, 2023. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/mulheres-angola-desafiando-obstacul-os-moldando-futuro/?need_sec_link=1&sec_link_scene=im

LUAMBA, Manuel. **Zungueiras" Sofrem nas Mãos de Agentes de Fiscalização**. Luanda, 2018. Disponível em: <https://amp.dw.com/pt-002/luanda-zungueiras-sofrem-viol%C3%Aancia-por-parte-de-agentes-de-fiscaliza%C3%A7%C3%A3o/a-45061165>

MACEDO, Márcia S. **Mulheres Chefes de Família e a Perspectiva de Gênero: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza**, v. 21, Salvador, 2008.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, v. 2, p. 10, 2004. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf Acesso em: 07 nov. 2020.

MENEZES, Nick. Zungueiras saem à rua contra a polícia em Luanda. *In: Tv livre Angola*. Luanda, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BcvA7VvkXNo>

NANGACOVIE, Margareth; STROMEN, Iselin. Asedotter. **Gênero e Pobreza no Periurbano Luandense**. Luanda, 2019.

QUEIROZ, Adriana. Franco. **Do Direito À Cidade Para O Direito Ao Trabalho: ocupação e expropriação de territórios de trabalho de vendedores ambulantes em**

espaços públicos da cidade de Salvador-Bahia. Salvador. 2017.

SANTOS, Dayse Reis dos; MESQUITA, Alex Andrade. **Avaliação das condições de trabalho e sofrimento psíquico em camelôs**. Campo Grande, 2016.

SANTOS, Orlando. **Mamãs quitandeiras, kinguilas e zungueiras: trajetórias femininas e quotidianas de comerciantes de rua em Luanda**. Luanda, 2022.

SIGNORI, Marisa. MADUREIRA, V. S F. **A violência contra a mulher na perspectiva policial militar**: espaço para a promoção da saúde. Santa Catarina, 2007.

TELO, Florita C. António. **Mulheres e comércio (informal) em Luanda: um olhar para além da crise pandémica de Covid19**. 2021.

VIRGÍLIO, Alberto P. Bento. **Gestão e organização das forças de segurança: a necessidade de um policiamento comunitário na sociedade angolana**. Lisboa, 2010.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A PESQUISA

1. Com quantos anos começou a trabalhar na zunga?
2. O que leva a senhora a ir para zunga?
3. Que horas sai de casa?
4. Que horário chega no local de zunga?
5. Já foi assaltada um dia ao sair de casa pra zunga?
6. Quantas horas de zunga é exercida?
7. Quantas pessoas moram com a senhora?
8. Se poder, a senhora pode me responder que para além da senhora quem mais paga as contas de casa?
9. Quanto é que se paga de taxa na fiscalização?
10. Depois que o agente prende a mercadoria, é comum devolver?
11. Quanto tempo a mercadoria faz nas mãos dos fiscais?
12. O que fazem com a mercadoria se não devolverem?
13. Tem um local certo onde depositam as mercadorias depois de prender?
14. Qual é a reação (expressão facial, corporal) dos fiscais quando ouve a resposta de que não tem dinheiro para pagar a fiscalização?
15. A senhora sabe para que serve o dinheiro que se é cobrado para a fiscalização?
16. Já foi agredida física ou verbalmente por um agente policial?
17. Você acha que os policiais abordam da mesma maneira homens e mulheres?
18. No final do dia, o que a senhora sente depois de um dia de trabalho (agressão física e psicológica)?
19. Se poder, a senhora poderia me dizer quais são os principais desafios enfrentados pela senhora (ênfase na violência, a discriminação abuso físico, assédio, extorsão e detenções arbitrárias e as restrições legais e sociais)?